



Sindjus

Filiado à CUT/FENAJUFE

Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário
e do Ministério Público da União no DF

**Impresso
Especial**

1000014810-DR/BSB
Sindjus-DF

/// CORREIOS ///

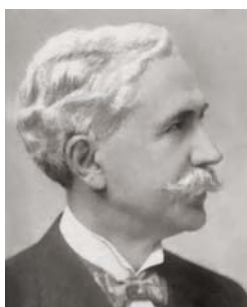
Ano XVIII - nº 69
Outubro de 2010

O caos do lixo no DF

Governo não investe em coleta
seletiva e população não faz a separação
correta. Resultado: só é possível
reciclar 3% dos resíduos recolhidos

SOMOS SOMA

A PROCLAMAÇÃO DA DIVERSIDADE BRASILEIRA EM **JOAQUIM NABUCO**



É 2010 o ano nacional do deputado, diplomata, escritor e um dos fundadores do Brasil contemporâneo, Joaquim Nabuco (1849-1910). O país que se faz nação, até hoje, em processo aberto e legitimado por liberdade e reconhecimento de suas matrizes formadoras: longe de diluirmos tantas identidades em um só projeto, nós nos apresentamos cada vez mais únicos e originais quando assumimos o quanto cada etnia é singular nesse concerto plural. Em tempos de Tiririca, quan-

do o Congresso Nacional é tratado como um reduto de péssima reputação, vale lembrar a trajetória de um parlamentar com sensibilidade para o pensamento de vanguarda, a atitude corajosa para enfrentar o atraso e a honradez que se exige em cargos públicos. Tudo sem perder a visão regional enriquecida por uma consciência global muito além do seu tempo.

TT CATALÃO

Continua nas páginas centrais

“ Somos uma nação que tem o seu destino, seu caráter distinto, e só pode ser dirigida por si mesma, desenvolvendo sua originalidade com os recursos próprios, só querendo, só aspirando à glória que possa vir do seu gênio. ”

“ Um dos maiores perigos para as grandes verdades é que, em vez de proceder pela convicção, se tente realizá-la pela violência. ”

“ A nossa constituição é de formação natural, é uma dessas formações como a do solo, onde camadas sucessivas se depositam; onde a vida penetra por toda a parte, sujeita ao eterno movimento, e onde os erros que passam ficam sepultados sob as verdades que nascem. ”



MARCELO FEIJÓ

“O ensaio *Sobre o Mundo e suas imagens – título provisório* fundamenta-se na incorporação de imagens que estão na minha memória e também na memória coletiva do nosso tempo. Elas se sobrepõem às minhas próprias fotografias, denunciando que não consigo ver sem essas imagens, e dividem espaço com as palavras fundamentais que forjam minha visão de mundo, sem as quais também não consigo formular minha experiência de vida. Essas palavras fundamentais são compartilhadas por todos, sinônimas que são da trajetória humana: amor, dor, solidão, sonho, esperança, morte, vida...”

Marcelo Feijó é fotógrafo e professor da Universidade de Brasília, mestre em Arte e Novas Tecnologias da Imagem e doutor em História Cultural. Realizou diversas exposições individuais e coletivas e publicou os livros *O homem que inventava cidades ou Fotografias para uso dos pássaros*; *Itinerário Cora Coralina*; *Goiás, Cerrados e Veredas*; e *Ex-Votos de Trindade – Arte Popular*.



www.sindjusdf.org.br

Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário e do MPU no DF
SDS, Ed. Venâncio V, s. 108 a 114, Brasília-DF, 70393-900 • (61) 3212-2613

Coordenadores-Gerais

Ana Paula Barbosa Cusinato
Berilo José Leão Neto

Coordenadores de Formação e Relações Sindicais

José Joventino Pereira de Sousa
Antônio José Oliveira Silva
Eliane do Socorro Alves da Silva

Coordenadores de Comunicação, Cultura e Lazer

Sheila Tinoco Oliveira Fonseca
Maria Angélica Portela
Valdir Nunes Ferreira

Marília Guedes de Albuquerque
Newton José Cunha Brum

Coordenadores de Formação e Relações Sindicais

José Joventino Pereira de Sousa
Antônio José Oliveira Silva
Eliane do Socorro Alves da Silva

Coordenadores de Comunicação, Cultura e Lazer

Sheila Tinoco Oliveira Fonseca
Maria Angélica Portela
Valdir Nunes Ferreira

FOTO: CARLOS ALVES



Edição:

Usha Velasco (DRT-DF 954/99)

Reportagem:

Fabiola Góis
Hylda Cavalcanti
Thais Assunção

Colaboradores:

José Geraldo de Sousa Junior
TT Catalão
Yuri Matsumoto Macedo e
André Luis Macedo

Revisão:

Ana Paula Barbosa Cusinato

Projeto gráfico e arte: Usha Velasco

Tiragem: 15.000 exemplares

Contato comercial: Julliane Dourado

Fones: (61) 8485-9959 - (61) 3037-9761
SCS Q. 2, Ed. Goiás, s. 314 - Cep.: 70.302-000

Trabalho decente e política de direitos



ARTHUR MONTEIRO

José Geraldo de Sousa Junior

Reitor da Universidade de Brasília, professor da Faculdade de Direito e coordenador do projeto *O Direito Achado na Rua*

“Trabalho decente é aquele adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, capaz de garantir uma vida digna. Por essa razão, é condição fundamental para a superação da pobreza e a redução das desigualdades sociais”

O pró-labore de José Geraldo para este artigo é doado mensalmente à campanha de voluntariado *Eu Doo Talento* (veja em www.sindjusdf.org.br)

Tomei parte recentemente, por coincidência no mesmo dia, em dois eventos que guardam estreita relação no tocante às condições de desenvolvimento humano com justiça e dignidade.

O primeiro desses eventos, promovido pela Secretaria de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento, mais precisamente pela Ouvidoria do Servidor Público, teve como objetivo central a implementação das diretrizes elaboradas pelo Fórum de Gestão da Diversidade na Administração Pública Federal, visando o combate ao preconceito e à discriminação nas relações de trabalho.

Foram convidados, para essa discussão, dirigentes, técnicos de ouvidorias e servidores incumbidos da gestão de pessoas no serviço público. Diferentes atores unidos pelo desafio comum de refletir sobre o tema da diversidade identitária no ambiente de trabalho, com foco nas exigências que se colocam para administrar e fazer mediações não discriminatórias num contexto de afirmação de políticas de direitos.

Basta ver as exigências atuais de inclusão decorrentes da promulgação do Estatuto da Igualdade Racial e aquelas originadas das várias edições do Programa Nacional de Direitos Humanos relativas a mulheres, idosos, portadores de necessidades especiais e integrantes de grupos LGBT para perceber a centralidade desse tema. Essas políticas precisam ser compreendidas e devem ser operacionalizadas como elementos norteadores de uma gestão orientada para pôr termo e abrir condições de superação às suas formas correntes de assédio moral e abuso de poder.

No centro dessa iniciativa, o que se vê é um elemento que ganhou relevância com o conceito de *trabalho decente*: a designação da igualdade de oportunidades e de enfrentamento a todas as formas de discriminação no ambiente de trabalho.

O segundo evento ao qual me referi inicialmente compartilha dessa preocupação. Foi promovido pelo Tribunal Superior de Trabalho (TST) com o objetivo de disseminar informações da Comissão de Peritos em Aplicação de Convenções e Recomendações da Organização Internacional do Trabalho (OIT), e assumiu também a dimensão de um Fórum Internacional sobre Direitos Sociais, com a designação de Trabalho Decente

e Desenvolvimento Sustentável.

Ainda que não explicitamente estabelecidas, as referências comuns aos temas formulados nos dois eventos decorrem da definição que a OIT propõe para trabalho decente, entendido como aquele adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, capaz de garantir uma vida digna. Por essa razão, como se destacou ao longo do evento, o trabalho decente é condição fundamental para a superação da pobreza, a redução das desigualdades sociais, a garantia da governabilidade democrática e o desenvolvimento sustentável.

No Brasil, o trabalho decente passou a ser um compromisso assumido entre o governo e a OIT, com a assinatura, em 2003, de um Memorando de Entendimento que prevê o estabelecimento de uma Agenda Nacional de Trabalho Decente. Nessa agenda, pontos comuns concertados em todo o mundo seguem a orientação pactuada segundo quatro eixos centrais: a criação de emprego de qualidade para homens e mulheres, a extensão da proteção social, a promoção do diálogo social e o respeito aos princípios e direitos fundamentais no trabalho, expressos na Declaração dos Direitos e Princípios Fundamentais no Trabalho da OIT, adotada em 1998.

É este último aspecto que leva a impulsionar uma política de direitos, atribuindo ao trabalho decente o alcance de trabalho justo, à luz dos direitos humanos. Cuida-se de concretizar valores positivados de modo convencional: liberdade de associação e de organização sindical e reconhecimento efetivo do direito de negociação coletiva (Convenções da OIT 87 e 98); eliminação de todas as formas de trabalho forçado ou obrigatório (Convenções da OIT 29 e 105); abolição efetiva do trabalho infantil (Convenções da OIT 138 e 182); e eliminação da discriminação em matéria de emprego e ocupação (Convenções da OIT 100 e 111). Mais do que isso, contudo, cuida-se também de assegurar a dimensão emancipatória e dialógica do trabalho decente, como demonstra Eneida Vinhaes Bello Dultra, em dissertação de mestrado defendida na UnB (Cidadania em Diálogo no Estado Democrático de Direito: possibilidade de emancipação em espaço institucionalizado de participação democrática. *Experiência do Fórum Nacional do Trabalho*).



Corredor das comissões na Câmara: deserto até o início de novembro

À espera do 2º turno

Recesso adia votações; reajuste também precisa ser incluído no relatório da CMO

Com o “recesso branco” do Congresso Nacional, que prossegue até o segundo turno das eleições, todos os projetos ficam em suspenso — inclusive as decisões sobre o reajuste dos servidores do Judiciário e do Ministério Público, objeto dos PLs 6613 e 6697, respectivamente.

Além do segundo turno das eleições presidenciais, também há nova votação para eleger o governador de oito estados e do Distrito Federal. Por isso os líderes partidários optaram pelo recesso, em sessão-relâmpago no dia 5 de outubro. Eles argumentaram que seria impossível haver quorum para votações todo o mês.

De acordo com o vice-presidente da Câmara, Marco Maia, os deputados estão envolvidos com as campa-

nhas em seus estados e a ausência no Congresso é “natural”: “Esse é o assunto mais importante para a política do Brasil no momento, que vai definir os rumos do país para os próximos anos. É natural que os parlamentares estejam envolvidos nessa disputa e, até para evitar maiores desgastes, optou-se por unanimidade pelo adiamento das votações”, afirmou.

A última votação de projeto na Câmara ocorreu no dia 17 de julho. Como o segundo turno das eleições acontece num domingo, 31 de outubro, o Congresso só retomará os trabalhos na quarta, 3 de novembro, já que no dia 2 há o feriado de Finados.

Segundo o analista político Antônio Queiroz — o Toninho do Diap —, o prolongamento do recesso era espe-

rado. “É preciso ter paciência e esperar o que estava previsto no acordo feito com o presidente Lula”, disse, referindo-se à negociação entre Lula e o presidente do STF, Cezar Peluso, para a aprovação do PCCR após as eleições.

Para Toninho, que assessora o Sindjus no acompanhamento da tramitação dos PLs 6613 e 6697 na Câmara, o importante agora é incluir o reajuste dos servidores no orçamento de 2011, que será votado na Comissão Mista de Orçamento (CMO) após o término do recesso. “O papel dos ministros do STF é muito importante nessa etapa”, afirmou o analista. “É preciso pressionar os parlamentares da Comissão para que incluam o valor relativo ao PCCR no orçamento”, concluiu.



Recicladoras da 100
Dimensão: trabalho
dificultado pela mistura
do lixo orgânico com
inorgânico

DESPERDÍCIO

Hoje, aproximadamente

17 mil

pessoas extraem renda
do lixo no DF. Mas, por causa
da coleta inadequada, só é
possível reciclar cerca de

3%

dos resíduos descartados, que
chegam, por mês, a somar

1.280 t

Para onde vai o seu lixo?

Descaso do governo e falta conscientização da comunidade prejudicam a coleta seletiva e a atividade dos recicladores. Proposta do GDF de importar incinerador é repudiada por entidades ambientalistas e sociais

Hylda Cavalcanti

O lixo é um assunto mal resolvido no Distrito Federal. A frase pode parecer um trocadilho em meio a tantos problemas políticos, éticos e sociais, mas a verdade é que o DF está atrasado quinze anos quando o assunto é a gestão de resíduos sólidos, e fica muito atrás de cidades como Londrina, Porto Alegre, Belo Horizonte e Goiânia. Apesar da responsabilidade de abrigar a capital, as últimas administrações não se preocuparam com uma política eficiente para separar e coletar resíduos. Para piorar, o governo-tampão divulgou a polêmica proposta de comprar um incinerador de lixo, condenado por ambientalistas e catadores (veja box na p. 9).

Por isso o DF perde uma série de benefícios relativos ao meio ambiente, à

conscientização da comunidade e principalmente a um segmento da economia que oferece boas oportunidades de negócio para a população de baixa renda, por meio do trabalho dos catadores e da reciclagem de material. Essa atividade beneficia hoje uma população de aproximadamente 17 mil pessoas no Distrito Federal, entre trabalhadores cadastrados em cooperativas e associações e catadores informais.

Somente 1% do lixo do DF passa pela coleta seletiva, que separa o lixo orgânico do inorgânico. A coleta é feita apenas na Asa Norte e Sul, no Lago Norte e em alguns locais do Lago Sul, por treze caminhões diferenciados do Serviço de Limpeza Urbana (SLU). Nos outros lugares, o que existe é uma coleta seletiva parcial e não oficial, realizada por 29 cooperativas de catadores.

Por isso os dados do SLU mostram que

só é possível reciclar em torno de 3% do total de resíduos descartados, que chegam a cerca de 1.280 toneladas por mês. “Nem tudo que tem potencial de reciclagem é corretamente separado. Os motivos são a falta de conscientização das pessoas e a carência de um sistema de coleta adequado”, reconhece a chefe da assessoria de planejamento do SLU, Juliana Berber.

Berber prepara a conclusão do Plano de Coleta Seletiva Solidária do DF, para atender à Política Nacional de Resíduos Sólidos sancionada em 2 de agosto. Ela afirma que é preciso articulação e investimentos no setor por parte dos governos, o que nem sempre tem ocorrido. “Não adianta fazer coleta seletiva sem ter condições adequadas. Todo um sistema precisa operar para que nada se perca no meio do caminho”, explica.

Terceirização causou retrocesso

A coleta seletiva no DF deixou de existir de forma oficial no início dos anos 2000 e só voltou a ser retomada, de forma carente, em 2007. Um dos principais problemas identificados pelo SLU é a falta de locais para seleção do lixo, que hoje acontece em postos de funcionamento provisório. Esses postos, vitais para proporcionar melhores condições de trabalho às cooperativas e associações de catadores, pois permitem um melhor manuseio dos materiais recicláveis, deveriam ser centros de triagem. E o DF precisaria de sete deles para atender toda a população, conforme as previsões iniciais. No entanto, até agora nenhum saiu do papel.

“O grande problema foi o processo de

terceirização da limpeza urbana que o DF viveu até 2007. Houve um retrocesso e o lixo voltou a ser misturado. Mesmo quando as pessoas fazem a separação, termina tudo junto nos caminhões”, queixa-se Ronei Alves da Silva, presidente da Central de Cooperativas de Catadores de Material Reciclável (Centcoop-DF).

A falta de conscientização da população quanto à separação correta dos resíduos também atrapalha. Recicladores de cooperativas e associações enfrentam surpresas desagradáveis: na hora de abrir os sacos que deveriam conter apenas resíduos recicláveis, aparecem restos de comida, seringas com sangue e até mesmo animais domésticos mortos.



Ronei conta que o lixo voltou a ser misturado depois da terceirização da limpeza urbana: “Mesmo quando as pessoas fazem a separação, termina tudo junto nos caminhões”

Catador no "lixão": resíduos misturados, renda baixa e alto risco de doenças



FOTOS: CARLOS ALVES

População também não ajuda

"Não é fácil. As pessoas dizem que separam tudo, mas fazem a maior confusão. Quando abrimos o lixo seco, encontramos muita coisa que não devia estar ali e ainda temos que tomar cuidado para não nos cortarmos", conta a recicladora Maria de Lourdes Silva, da Central de Reciclagem do Varjão (CRV), que faz dessa profissão sua atividade há doze anos. Solteira, mãe de três filhos, Lourdes reclama que a situação já foi melhor, mas consegue viver do que coleta, embora o preço dos produtos varie muito, "dependendo da época". Segundo ela, com o que recolhe consegue apurar até R\$ 300 por mês.

"Hoje tiro R\$ 400 disso aqui, mas já fiz até R\$ 700, relata Antonio Cardoso, apontando para o local provisório onde separa o lixo, no Paranoá, e que frequenta há seis anos. Conforme afirma, o papel é um dos produtos que mais varia de preço, dependendo da oferta. "O quilo do papel branco é vendido hoje a R\$ 0,30 e do papel comum, R\$ 0,18", conta.

Cardoso, companheiro de uma mulher que faz bicos como diarista e pai de dois meninos, diz que já trabalhou como porteiro, atendente de mercearia e teve ocupações diversas, mas hoje prefere a profissão de catador, mesmo com as dificuldades para juntar tanto e conseguir tão

pouco por quilo de cada produto. "Aqui eu não dou satisfação de nada. Tenho meu próprio horário e já conheço o pessoal com quem trabalho", enfatiza. O lixo percorre um longo caminho desde o momento em que sai da casa das pessoas até a hora em que se transforma em produto reciclável a ser vendido. Dos caminhões de coleta seletiva, os resíduos vão para os centros provisórios de triagem. Lá, os catadores das cooperativas tratam de fazer a sua separação. É um trabalho que realizam por conta própria, uma vez que não recebem pelos resíduos que separam, mas pelos que revendem. A outra parte do lixo, proveniente dos demais caminhões de coleta, segue para o aterro sanitário do DF, o popular lixão, localizado na via Estrutural. É onde atuam os catadores autônomos.

A rotina é quase a mesma nas quase trinta cooperativas do DF, como a 100 Dimensão, do Riacho Fundo. Lá, as caçambas chegam ao local carregadas de lixo seco provenientes do Plano Piloto, das cidades satélites e das sedes dos órgãos públicos. Só essa cooperativa recebe, por mês, quase cem toneladas de resíduos. Todos os dias, cerca de quarenta pessoas se revezam em três turnos separando os produtos por categoria. Depois, os materiais são prensados

e vendidos às empresas de reciclagem. "Em muitos locais os moradores e condomínios separam o lixo por conta própria e a cooperativa providencia a retirada. Mas essa não é a regra geral. A gente conta com pouco lixo separado e nosso trabalho rende pouco porque temos que separar pessoalmente o lixo orgânico do inorgânico", ressalta Fátima Assis, da 100 Dimensão.

As consequências do descaso com o lixo são diversas, tanto do ponto de vista econômico quanto social. E vêm de anos. Em 2006, o engenheiro florestal Benício de Melo Filho – autor do livro *O valor econômico e social do Lixo* – pesquisou o material recolhido pelo SLU nas residências e concluiu que, a cada semana, somente a população do Plano Piloto deixa de ganhar no mínimo R\$ 75 mil em resíduos que poderiam ser vendidos para as indústrias de reciclagem.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos, em vias de regulamentação, tem entre as principais novidades o fato de estabelecer que a responsabilidade pelo lixo deixe de ser exclusiva das prefeituras; será compartilhada com estados e União. Traz também a obrigação dos fabricantes e distribuidores recolherem as embalagens dos produtos vendidos. Se a medida for aplicada com rigor – e se a comunidade fizer a sua parte – o meio ambiente e a economia agradecem.

Incinerador ameaça meio ambiente e recicladores

O governo do DF anunciou recentemente uma resolução polêmica: a compra de um incinerador para queimar o lixo urbano e viabilizar o que está chamando de “a primeira usina de geração de energia do gênero no país”. Mas técnicos e profissionais da área afirmam que a proposta não tem justificação técnica nem econômica, contraria a Política Nacional de Resíduos Sólidos, o Plano Diretor de Resíduos Sólidos do DF e os compromissos brasileiros com a Convenção de Estocolmo e o Protocolo de Kyoto.

“Esse tipo de geração de energia tem sido contestado em todo o mundo, porque mexe com a emissão de gases perigosíssimos para o planeta. Na Europa essas usinas já estão sendo desativadas”, afirma a bióloga Fá-

tima Fernandes, da Fundação Instituto de Pesquisa da Universidade de São Paulo (FAPESP).

A proposta ganhou o repúdio de associações de catadores, entidades de preservação do meio ambiente e instituições ligadas à defesa da sociedade civil. Elas organizaram o Movimento Fogo-Pagou, em protesto contra a resolução publicada pelo governo em agosto deste ano, que convocou empresas interessadas na compra do incinerador por meio de parceria público-privada.

O anúncio da proposta foi feito após visita do governador Rogério Rosso à Holanda, no início de agosto. “Causou estranheza porque coincide com a intensificação do assédio às autoridades de várias outras cidades bra-

sileiras por parte de vendedores de equipamentos de incineração de lixo. Por que tentar viabilizar uma iniciativa tão polêmica no âmbito de um mandato-tampão?”, indaga o manifesto publicado pelo Fogo-Pagou.

“Ao que parece, a proposta beneficia apenas os vendedores dos equipamentos e seus associados”, prossegue o texto, afirmando que a compra do incinerador

“amplia a dependência tecnológica do país, pisoteia os interesses dos catadores e ameaça o meio ambiente e a saúde do povo brasileiro.”

A carta aberta do Movimento foi encaminhada ao presidente Lula e ao Comitê Interministerial de Inclusão Social dos Catadores, explicando os motivos pelos quais a iniciativa é considerada perigosa. O grupo pediu ao Executivo Federal apoio para instituir uma equipe técnica que discuta a suspensão do edital, com o Ministério Público, a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

O Sindjus está entre as entidades apoiadoras do Movimento, que inclui vinte associações e cooperativas de catadores (representadas pela Central de Cooperativas de Materiais Recicláveis do DF), a Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (ABES), o Instituto para o Desenvolvimento Ambiental (IDA), o Movimento Cerrado Vivo, a Segurança Ambiental e Gerenciamento de Resíduos (Secatre), o Sindicato dos Jornalistas do DF, Fórum Lixo e Cidadania de Várzea Grande, a Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Mato Grosso e sete entidades internacionais da área de meio ambiente.

Conforme informações da Assessoria de Imprensa do SLU, o objetivo da iniciativa é adotar um eficiente controle sanitário do lixo, eliminar os aterros sanitários, evitar a emissão de gases poluentes e a formação de “chorume” (fluido tóxico que pode contaminar lençóis freáticos). Tudo isso, porém, é contestado pelos participantes do Fogo-Pagou, que apontam não só danos ambientais como também socioeconômicos: “A licitação representa uma ameaça para a efetivação do direito ao trabalho dos catadores, inscrito no marco legal e ainda não completamente usufruído pela categoria profissional.”

Leia o manifesto em <http://movimentofogopagou.blogspot.com>



Sucata reaproveitada na Cooperativa 100 Dimensão: queimar o lixo significa perda de renda e emissão de gases tóxicos

Virando a própria mesa

Cresce o número de pessoas que reinventa a própria vida em busca de prazer e realização profissional – ou para resgatar talentos que ficaram para trás

Hylida Cavalcanti

“E se a minha vida mudasse completamente?” Esse questionamento, feito por muitos de nós, costuma ser recorrente em situações de desânimo, instabilidade profissional ou simplesmente diante da descoberta de coisas novas que chamam a atenção para reprogramações da nossa história. Os que resolvem partir para a mudança precisam de coragem, certa dose de ousadia e bom senso – sem falar na paciência para receber críticas e lidar com a preocupação da família e dos amigos. Mas não são poucas as pessoas que encaram a mudança e pagam o preço. A maioria se sente realizada e há quem concilie a nova profissão com as atividades em órgãos públicos.

Muita gente resolve trocar as escolhas consolidadas ao longo dos anos depois que se sente livre de responsabilidades com os filhos e acredita que está no “outono da vida”. Outros tomam essa iniciativa porque se aposentaram. E muitos simplesmente resolvem reinventar suas histórias depois de constatar que precisam partir para uma atividade que realmente lhes dê prazer, mesmo ainda muito jovens ou, ao con-

trário, com idade avançada.

Foi o que aconteceu com o aposentado Francisco das Chagas Ribeiro, de 73 anos. Ele chegou em Brasília proveniente do Ceará, na década de 50, para trabalhar nas obras da construção da cidade. Aqui educou os filhos e estruturou sua família. Atuou na construção civil e posteriormente, durante um bom tempo, no ramo da hotelaria. Depois de mais de vinte anos de trabalho, resolveu partir para uma área que sempre mexeu com o seu imaginário: brinquedos. Ele realizou seu sonho por meio de uma firma de representação.

A caminhada não foi fácil, conforme ele mesmo contou. Primeiro, foi representante comercial de produtos diversos, até chegar aos brinquedos. Deixou para trás tanto o tempo em que lidava com cimento e massa como o período em que passou a atuar junto a hóspedes e administração de hotéis. Primeiro, como empregado de uma firma de representação de brinquedos. Depois, em parceria com um sócio. Desde 2003, no entanto, ele atua sozinho. “Eu não sabia onde iria parar. Paguei um preço, mas não me arrependo. Nunca me conformei com um só caminho na vida. Sempre fui assim”, conta, ao



CARLOS ALVES

“Nunca me conformei com um só caminho na vida”

Francisco das Chagas Ribeiro começou empunhando a pá de pedreiro na construção de Brasília. Hoje trabalha com o que mais gosta – brinquedos – e tornou-se um calouro universitário aos 73 anos



afirmar que, com o conhecimento adquirido, se tivesse de escolher desde o início a atividade com que trabalharia a vida inteira, escolheria os brinquedos. "Sempre gostei de crianças e desse universo de brincadeiras", explica.

Hoje, seu Francisco trabalha em meio a jogos, carrinhos e bonecas. Mas não pense que sua reinvenção termina por aí. Depois de ver os filhos na faculdade, resolveu ele mesmo prestar vestibular. Tornou-se universitário no curso de Teologia. E indaga: "Você acha que depois de ver meus filhos formados eu iria querer parar?"

Uma onda de renovação

Formada em psicologia, Isabel Frantz trabalhava com joalheria artística antes de decidir abraçar mais uma atividade profissional, a de design gráfico. A mudança se deu em função de um projeto voltado para a interface entre os colegas do STJ (onde Isabel é servidora) e as novas instalações do tribunal. Ela tomou gosto pela coisa e começou a estudar. Atualmente faz mestrado

em ilustração em Portugal e há quatro anos passou a pintar.

Isabel conta que depois disso algo se apaziguou dentro dela, ficou "mais redondo": "Nos primeiros tempos eu nem acreditava que estava trabalhando quando passava horas pesquisando imagens... Foi uma onda de renovação que invadiu a minha vida. Senti que queria mais e fui atrás."

Profissional realizada

"Tem sido cada vez mais frequente o número de pessoas que depois de lutar a vida inteira em um emprego nem sempre satisfatório e ver realizada alguma parte de suas vidas, como a compra da casa própria ou a educação dos filhos, resolve partir para uma outra área onde tenha mais prazer e qualidade de vida", afirma a socióloga Diana Almeida, coordenadora de pesquisas comportamentais em Pernambuco. Os números não mentem: conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a quantidade de pessoas com mais de

40 anos nas universidades brasileiras dobrou no período entre 1999 e 2000 – tendência que deve ser confirmada ao final do censo deste ano.

Mas os exemplos de reviravoltas na vida não são exclusividade de quem ultrapassou a barreira da meia idade. É o caso de Flávia Regina Agra, analista do Superior Tribunal de Justiça (STJ). Flávia, formada em publicidade, foi lotada na área de comunicação assim que passou no concurso para o tribunal. Antes disso, trabalhou dois anos numa agência. Mas ela percebeu, com o tempo, que gostava de fazer planejamento so-

bre o perfil dos consumidores para os clientes da agência em que trabalhava. Sentia um interesse bem peculiar pelo comportamento humano. Resolveu, então, estudar psicologia.

Há cerca de três anos Flávia foi transferida do departamento de comunicação para o berçário do STJ, onde presta atendimento psicológico às mães que chegam, para adaptação dos bebês, e também acompanha o desenvolvimento das crianças.

Além disso, trabalha há doze anos em seu próprio consultório, sobretudo com grupos de gestantes e mulheres na fase pós-parto – é especialista, hoje, no tratamento de casos de depressão pós-parto.

"Quando resolvi mudar tudo, já era casada e tinha filho. Tive que recomeçar, entrar num mercado diferente, montar um consultório. O apoio que recebi do meu então marido e da minha família foram fundamentais para que eu pudesse levar adiante essa coisa de acreditar no meu sonho", conta a psicóloga. "Antes, não sentia que poderia realmente ajudar as pessoas; hoje sim. Sinto-me uma servidora pública totalmente satisfeita com o meu trabalho e uma profissional realizada", declara.



Flávia Agra:
"Sinto-me uma servidora pública totalmente satisfeita com o meu trabalho"

FOTOS: CARLOS ALVES

Nasaré, a campeã

Uma mudança radical de vida também pode decorrer da forma da pessoa ver o mundo e lidar com sua saúde e seu corpo. Foi o que aconteceu com Maria Nasaré Nunes Ferreira, casada, mãe de seis filhos, funcionária de uma firma de serviços gerais e lotada no Ministério da Saúde. Com mais de cem quilos e em depressão, ela resolveu procurar ajuda psicológica no trabalho. Da terapeuta, recebeu a sugestão de começar a fazer caminhadas, que seguiu de imediato. Da caminhada para a corrida foi um pulo. A partir daí, Nasaré inaugurou uma nova



fase em sua vida, que já dura quatro anos: a corrida profissional. Passou a seguir uma rotina de exercícios e a disputar torneios.

Hoje, aos 58 anos e 30 quilos mais magra, com todas as taxas de saúde em dia, Nasaré é uma atleta. Coleciona em casa mais de 200 medalhas e oito troféus. Sua força de vontade já incentivou muitos conhecidos a fazerem o mesmo. "Posso dizer que minha vida mudou para melhor em tudo, graças a Deus e à minha disposição", conta, enquanto se prepara para mais uma competição e cultiva o sonho de participar da maratona de Nova York.

Maria Nasaré: caminhadas para vencer a depressão levaram ao pódio

Mudança não tem idade

Desde pequeno o técnico judiciário do STJ Bruno Rodrigues de Carvalho perseguia os números. Formado em matemática pela Universidade de Brasília, deu aulas em várias escolas e adorava o que fazia. Até que, depois de passar em um concurso público, resolveu estudar Direito. “Passei a me interessar pelas leis e a tomar gosto”, afirma ele, que atualmente voltou a ser um estudante.

“Hoje me sinto mais cidadão do meu país, mais presente. Como matemático eu não tinha tanto essa noção”, complementa. Bruno conta que, ao chegar ao STJ, foi convidado a trabalhar num setor que tivesse mais proximidade com sua formação profissional, mas já estava tão interessado nas atividades do Judiciário que preferiu ficar na coordenadoria da 2ª Seção, responsável pelo julgamento dos processos de Direito Privado — achou que ali “aprenderia mais”.

Se mudar quando jovem é bom, imagine como é alentadora uma transformação na qual as pessoas reinventam um antigo *hobbie* ou resgatam atividades que os caminhos do passado impediram de florescer. Foi o que fez a aposentada do Ministério Público da União (MPU) Helena Carmo

de Moraes, que depois de sair do trabalho resolveu se dedicar à pintura e às viagens.

Helena conta que sempre gostou de fazer artesanato e pintura em tecido, mas realizava essas atividades para contribuir com bazares de entidades beneficentes que ajudava (e continua ajudando). Com o passar do tempo, começou a levar a pintura a sério e durante nove anos participou de exposições, com o apoio do marido e das filhas.

Helena passou a trabalhar no ateliê de um colega e, no início, levou um susto quando recebeu encomendas de terceiros. Depois se acostumou. “De uns tempos para cá ando meio preguiçosa”, brinca, e conta que se especializou em pintura barroca.

O fato de produzir menos tem motivo: o foco nas viagens. No ano passado Helena conheceu Portugal, Espanha e França. Agora prepara-se para um circuito pela Grécia, Itália, Espanha e Portugal, junto com uma das filhas. Também pretende retornar a Paris, cidade que adorou. “Sempre me dediquei muito ao trabalho. Agora tenho que aproveitar as outras oportunidades”, diz, animada.



FOTOS: CARLOS ALVES

Helena: susto com as primeiras encomendas

Concursado, Bruno pendurou o jaleco de professor de matemática e resolveu estudar Direito





Vocação para a procura

Os aposentados brasileiros, nos últimos anos, representam um capítulo a mais entre aqueles que se reinventam. Eles formam um grupo que apresenta cada vez maior poder de compra e incrementa setores como o turismo e cursos. Em função desse novo perfil, consolidou-se no Brasil um projeto nacional intitulado Talentos da Maturidade, atualmente na 12ª edição. Organizado pelo Banco Real com apoio do Banco Santander, consiste num concurso para artistas com 60 anos ou mais, em quatro categorias: artes plásticas, fotografia, literatura e música vocal. Contempla ainda uma categoria especial para trabalhos que promovam qualidade de vida e integração dos idosos na sociedade (neste caso, independentemente da idade dos realizadores).

Para a pesquisadora Laura Machado, psicóloga com mestrado em gerontologia, a iniciativa é pioneira no sentido de valorizar os brasileiros dessa faixa etária e estimular mudanças no perfil da terceira idade, tornando-a mais atuante na sociedade, participativa e pronta para traçar novos rumos. "Hoje os idosos são mais valorizados e sentem-se respeitados", afirma.

"Falar em arte é falar de vida, de emoções, é deixar falar o coração. Quando se fala em maturidade, o importante é ressaltar a vida, a emoção, a ternura, o amor", enfatiza a aposentada Maria Luíza Almeida Rosa, 65 anos, de São Paulo, uma das participantes do projeto. Opinião semelhante à dela tem Francisca Rodrigues da Silva, também com 65 anos, do Ceará. "Mesmo com

a idade que tenho, ainda sonho em ajudar outras pessoas. Minha história de vida daria um livro, mas nunca me deixei levar pelo desânimo, pois todas as quedas que sofri foram obstáculos vencidos. Por isso estou participando desse concurso, um grande incentivador para a vida", afirma.

"O envelhecimento da população em todo o mundo é um problema social que precisa ser levado a sério daqui por diante, principalmente nos países em desenvolvimento", alerta Jorge Henrique Caldas, cientista social e pesquisador da Universidade de São Paulo (USP), ao chamar a atenção para a necessidade, no Brasil, de políticas públicas voltadas para pessoas idosas que levem ao que chamou de "reconstituição do conceito de cidadania". Passam por essas novas políticas a redefinição de modelos de conduta, novas regras de consumo voltadas para pessoas com mais de 60 anos e opções diversas de lazer e conhecimento, como o estudo de outros idiomas e viagens ao exterior.

"Existem duas formas de compreensão da velhice no contexto brasileiro. A primeira, antiga, é a dos que entendem essa fase como sinônimo de inutilidade e decadência física. A outra, mais próxima da realidade, é a de uma fase de novas realizações, negando estereótipos ultrapassados. Dentro dessa perspectiva, a aposentadoria deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para se tornar um período de atividades e de felicidade", destaca o psicólogo.

Como afirmou o filósofo francês Gastón Bachelard, o homem é um ser entreaberto, cuja vocação é a procura. Seja na terceira idade ou não, todo ser humano tem latente a capacidade de se reinventar e buscar o novo, como expressa a design gráfica Isabel Frantz: "É um eterno ir e vir, sem nunca ter sossego ou realização. Deixa para ficar realizadinha quando tudo acabar, né?" Mais que corajosos, esses "reinventores" provam que sabem viver.

A vida muda

*"A vida muda como a cor dos frutos / lentamente / e para sempre /
A vida muda como a flor em fruto / velozmente / A vida muda como a água
em folhas / o sonho em luz elétrica / a rosa desembulha do carbono /
o pássaro, da boca / mas / quando for tempo / E é tempo todo tempo /
mas / não basta um século para fazer a pétala / que um só minuto faz" **

*O poeta e ensaísta Ferreira Gullar abordou com a sua habitual
maestria o misto de espanto e prazer do homem diante desse fato
inescapável: a vida muda. E as pessoas se adaptam, se transformam
e se lançam em busca de novos horizontes. A revista do Sindjus
ouviu os servidores sobre os momentos em que eles precisaram se
reinventar e sobre o que acham dessa capacidade humana.*

** Ferreira Gullar
Dentro da Noite Veloz
(fragmento)*

FOTOS: CARLOS ALVES



Eu me casei aos 37 anos e acredito que foi uma mudança significativa. Conheci minha esposa no início do ano passado e em setembro resolvemos nos casar. Estou muito feliz. Nunca tinha nem morado junto com uma namorada e muita coisa mudou na minha rotina, minha forma de pensar e lidar com questões financeiras. Passei a ter uma outra responsabilidade.

Júlio Cesar dos Santos, técnico administrativo do MPDFT



Eu trabalhei na área da saúde por quase doze anos. Fui auxiliar de enfermagem no GDF. Mas vi que aquilo não me fazia feliz e decidi mudar de vida. Deixei tudo para me dedicar aos estudos, tirei férias e só estudava, até que passei no concurso para o MPDFT. Hoje vejo que estou na área certa. Estou fazendo o curso de Direito e pretendo me formar logo.

Sueli Maciel de Lima, técnica administrativa do MPDFT



Tenho vontade de me reinventar e constituir uma família. Acho que as pessoas têm que procurar a realização pessoal sempre. Conheço várias pessoas que tiveram a coragem de mudar e estão ótimas. Tenho um amigo que pesava 140 kg e passou a fazer triatlon, ele nada, corre e pedala. Já perdeu uns 40 kg só com a atividade física. Ele se superou e foi surpreendente.

Marcelo da Fonseca Melo, técnico judiciário do STF



Eu fazia teatro na época da ditadura e sempre quis ser ator profissional. Mas, devido ao retorno financeiro muito baixo, tive um momento de encruzilhada: seguir carreira artística ou procurar um trabalho para me manter. Então prestei concurso. Nunca abandonei meu lado artístico, mas tive que mudar para conseguir me manter financeiramente.

Marcos Pacheco de Moraes, analista judiciário do TSE



Estou há três anos e meio no MPDFT e acredito que isso foi uma mudança muito grande; saí da iniciativa privada para o serviço público e foi ótimo. Cursei a faculdade pensando em fazer concurso, e a partir daí me dediquei muito aos estudos, mesmo trabalhando. Consegui passar para analista administrativo do MP em terceiro lugar, no último concurso.

Rafael Silva Ferreira, analista administrativo do MPDFT



A mudança é algo necessário e natural, tem as estações do ano, folhas caem, folhas nascem, animais trocam de pele... Mas para o ser humano não é tão fácil, tem que ter atitude e até coragem para se reinventar. As pessoas buscam isso, uns menos, outros mais. Eu pretendo continuar mudando, a inércia não é uma coisa legal.

José Carlos Almeida de Britto Filho, analista de informática do TRE



Eu me casei muito nova, tive filhos... Depois de 22 anos de casamento resolvi mudar. Hoje sou realizada. Meu marido não me deixava estudar para concurso público. Mas eu me separei, passei três anos estudando, passei para o STM e em seguida para o STF. Sou formada em Pedagogia e recentemente me formei em Direito.

Maria Sueli de Sousa, técnica judiciária do STF



Quando eu era mais jovem, tinha medo de mudanças. Depois aprendi que elas são necessárias. Trabalho aqui há 24 anos e passei por vários setores, chefias e políticas locais. Uma das decisões mais fortes que tomei foi quando entreguei uma função. Passei a produzir muito melhor e a fazer o meu trabalho com mais felicidade. Também passei a não levar a vida tão a sério.

Plínio de Camargo Daher, técnico judiciário do TRE



Uma grande mudança foi quando passei em um concurso fora de Brasília. Apesar de ter certeza de que jamais sairia daqui para morar em outro lugar, passei em um concurso no Rio de Janeiro e fui para lá. Depois de seis anos, tendo experiências inusitadas, como assaltos, voltei para Brasília, minha cidade maravilhosa, e busco constantemente a alegria de viver.

Suzana Vasconcelos de Paula, analista administrativa do TSE



Às vezes as pessoas têm um determinado sonho, mas a vida leva para uma outra situação. Aí, quando a pessoa se aposenta, resolve fazer o que ela gostaria mesmo... Eu tinha vontade de trabalhar com comércio, abrir uma pamonharia, acho que seria interessante. Todos que pretendem se reinventar devem investir, ter coragem e disponibilidade.

Francisco Bezerra, técnico judiciário do STF



O nascimento do meu filho e a posse no TSE foram duas grandes mudanças que permearam de felicidade e de responsabilidade a minha vida. A vida de cada pessoa traz emoções fortes e transformações também. Acredito que essas transformações façam com que o ser humano se mova, busque outras coisas e se transforme ainda mais.

William Cruz Vaz, técnico judiciário do TSE



Minha grande mudança de vida foi quando eu e meu namorado nos casamos por procuração, porque ele estava trabalhando fora do país. Fui morar com ele, fiquei grávida do primeiro filho, depois do segundo e virei dona de casa por cinco anos. Com dois filhos e mais a barreira da língua, não conseguia trabalhar. Quando voltei foi a glória...

Cláudia Coimbra Barbosa, técnica judiciária do TRE

Nossos votos para que este 2010, consagrado como Ano Nacional Joaquim Nabuco, celebre com orgulho a homenagem ao parlamentar, escritor e líder do abolicionismo, com representantes eleitos escolhidos com alguns reflexos de Nabuco (não precisaria tamanha lucidez ou brilho estético). E que a gente aprenda, por exemplo, que ficha limpa não é uma virtude de marketing, mas um pré-requisito fundamental e básico.

JOAQUIM NABUCO

Um senhor deputado



"A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil"

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo nasceu em 19 de agosto de 1849, em Recife (PE), e faleceu em 17 de janeiro de 1919, em Washington, EUA. O salão negro do Congresso Nacional, entre 18 de outubro e 15 de novembro, abre uma exposição e começa um núcleo de estudos para "o resgate de um capítulo na história do Brasil". Para o dia 9 de novembro o Congresso faz uma sessão solene e a seguir será lançada, em reedição especial, a coletânea dos seus discursos. É um manifesto oportuno observar a contribuição de Nabuco justamente em um ano eleitoral em que os embates prevalecem sobre os debates, onde o fútil deteriora o fluxo do pensamento e quando há generalizações ao sabor da voracidade de massa com baixíssima chance para igualitária exposição de contradições. O juízo crítico está em baixa quando se configura a disputa mais pelo vale tudo da "corrida eleitoral" e menos pela comparação das ideias.

"A mãe de todas as reformas é a reforma social"

Nabuco, deputado da Província de Pernambuco pelo Partido Liberal, entre 1879 e 1888, trafegava com elegância, estilo e pertinência sobre a polêmica em alto grau. Desprezava o lero-lero das reformas políticas e desejava chegar ao ponto de ebulição central sem muitos desvios. Tinha essa noção estratégica de foco nas questões de fundo. Ao tocar no vespério da infância escravagista ele intuiu que a abolição seria um processo longo e não um ato magnânimo de uma canetada mágica. Não se liberta por decreto. Atuais, ainda, seus escritos tocam em temas que se apresentam urgentes, como o investimento estrutural na educação, a distribuição justa de terras, o uso de matérias-primas da natureza e o desenvolvimento, uma colocação ousada do Brasil no cenário mundial (em 1906 presidiu, no Rio, a III Conferência Panamericana pela

união das Américas) e muitos outros temas, sempre com a escala básica do humano em cada posição defendida.

Bem nascido no engenho Massangana, a marca da injustiça e sua brutalidade não lhe abandona e forja cada ponta do seu caráter nessa ofensa estúpida que é o racismo e a escravidão. Deixa elementos para que tenhamos, hoje, aguçada percepção do quanto esse processo ainda permanece (maquiado) na sociedade brasileira. Em 1879, na Câmara dos Deputados, realizou campanha contra a escravidão e fundou a Sociedade Antiescravidão Brasileira. Em 1883 publica em Londres a obra *O Abolicionismo*, quando o aristocrata moderado assume-se incendiário e não poupa a omissão dos religiosos na manutenção da infância.

"Acabar com a escravidão não nos basta, é preciso destruir a obra da escravidão"

Atual a provocar Caetano Veloso em uma "parceria" no cd de 2000, Noites do Norte, que cita: "A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil. Ela espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade; seu contato foi a primeira forma que recebeu a natureza virgem do país, e foi a que ele guardou; ela povoou-o como se fosse uma religião natural e viva, com os seus mitos, suas lendas, seus encantamentos; insuflou-lhe sua alma infantil, suas tristezas sem pesar, suas lágrimas sem amargor, seu silêncio sem concentração, suas alegrias sem causa, sua felicidade sem dia seguinte... É ela o suspiro indefinível que exalam ao luar as nossas noites do norte." O que o músico Marcelo Yuka resumiu com mais contundência: "Todo camburão tem um pouco de navio negroiro."

Nabuco era colaborador da *Revista Brasileira* e amigo de Machado de Assis, José Veríssimo e Lúcio de Mendonça, com os quais ajudou a fundar a Academia Brasileira de Letras (ABL). Ele sabia que a "ideia de nação" também se dava no campo da língua e das linguagens. Antecipava o imaginário na construção coletiva do povo

em uma identidade nacional (diferente do "nacionalismo laudatório"), em processo permanente de fluxo, interação e refluxo. Bem antes da formatação "antropofágica" da Semana de 1922, com Mário e Oswald de Andrade e muitos outros. E proclamava a diversidade cultural brasileira, fator que, hoje, encanta o mundo junto à nossa extraordinária (e em rima, até) biodiversidade.

Monarquista convicto, não viajou na "proclamação" de cima pra baixo da "república" que não criava mudanças estruturais e só abria frestas institucionais (obviamente importantes, mas não para um espírito radicalmente "liberal"). Mesmo assim teve a pompa de um funeral cívico na construção do panteão que a República desejava, como as cerimônias fúnebres de Machado de Assis (1908), do ex-presidente Afonso Pena (1909) e do escritor Euclides da Cunha (1909). Ainda nos EUA, onde faleceu, seu corpo foi velado com honras de chefe de Estado, com a presença do presidente William Taft. O corpo só chegou ao Rio quase três meses depois, em um chuvoso 9 de abril de 1910. Foi velado no Palácio Monroe (hoje demolido, sendo um dos maiores crimes patrimoniais do Brasil) e depois seguiu para o Recife. Em seu radicalismo (por tomar as coisas pela raiz) entendia a liberdade como resultante de educação, trabalho, pão e festa, quando a dignidade fosse plena e não caricatura formal "concedida" sem ser conquistada. E proclamou em um de seus inovadores comícios ao ar livre:

"O fato de serem os nossos adversários os homens ricos do país faz que eles pareçam maioria quando são apenas uma fração cuja força provém exatamente do monopólio do trabalho que adquiriram por meio da escravidão."

A Justiça na rede

Mídias virtuais ampliam a interação dos cidadãos com o Judiciário e MPU e facilitam manifestações por causas como a Ficha Limpa

Fabiola Góis

Twitter, Youtube, Orkut, Facebook. Os nomes em inglês sinalizam a mudança na linguagem e na comunicação nos tempos modernos. Adeus telegramas e cartas. A velocidade da informação obrigou a população de todo o mundo a se adequar e se inteirar sobre a internet. O cidadão brasileiro, que segue a mesma tendência, criou novas demandas. E o Judiciário e o Ministério Público não poderiam ficar de fora. Os órgãos começam a se adequar às novas mídias como uma forma de melhorar ainda mais o acesso ao usuário. E têm feito sucesso.

No dia 1º de outubro do ano passado, o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) firmaram uma parceria para utilização de ferramentas tecnológicas desenvolvidas pelo Google para melhorar a comunicação com a sociedade. E foi o primeiro órgão público a ter um canal oficial no Youtube (site que permite o compartilhamento de vídeos). O STF também foi a primeira Suprema Corte a disponibilizar conteúdo no site.

A ideia é aproximar o cidadão do Judiciário e divulgar com mais alcance as atividades das instituições. A intenção é que o internauta acesse, por exemplo, vídeos dos julgamentos pela internet em qualquer hora e lugar, sem a necessidade de pedir o material à TV Justiça, por exemplo. O programa *Saber Direito*, veiculado na TV Justiça, é disponibilizado no Youtube; o mesmo acontece com o

Síntese, um compacto das sessões de julgamento, e o *Academia*, sobre dissertações e teses de mestrado e doutorado na área do Direito.

Para se ter uma ideia do sucesso da empreitada, de 1º de outubro a 2 de setembro foram mais de 2,9 milhões de visualizações só no canal do STF, com uma média diária de 17 mil vídeos assistidos. Os dados são da Secretaria de Comunicação do STF, com base em uma ferramenta interna disponibilizada pelo Google.

O tribunal também tem o perfil do internauta interessado nas informações do órgão. A maioria dos acessos é feita por homens (66%). As mulheres representam, portanto, 34%. A faixa etária que mais visita o canal oficial está entre 35 e 44 anos (32%). Em seguida, de 45 a 54 anos, representa 30%, enquanto a de 25 a 34 anos cai para 19%. E de 55 a 64 anos, é de 5%.

Boa parte dos internautas que acessam o canal é de concurseiros e advogados, interessados nas sessões de julgamento. Há também acessos de internautas que vivem nos Estados Unidos, Portugal, Reino Unido, Alemanha e Japão. Em setembro, o STF contabilizou 39 mil seguidores. Quem controla toda a informação é a Secretaria de Pesquisa e Redação.

A TV Justiça e a Rádio Justiça também têm canais no Youtube, mas eles são administrados por funcionários próprios. No mês passado, eram 5.520 seguidores da TV e 2.322 da rádio.





ACESSÍVEIS AOS INTERNAUTAS

NO TWITTER

STJ, STF, CNJ, TSE, TST, Rádio Justiça, TV Justiça, Via Legal (STJ), TJDF, MPDFT, PGT, CNMP, TJAP, TJBA, TJGO, TJRS, TJMA, TJTO, TRF 4ª, TRT 20ª, TRT 3ª, TRT-17ª, TRE-GO, TRE-RS

NO YOUTUBE

TV Justiça, Rádio Justiça, TSE, STJ (Via Legal), PGT, CNMP, PRR 2ª, PRR 3ª, PRR 4ª, TJPB, TJTO, TJMG (Justiça em Questão), TRT 7ª

Proximidade com o cidadão

A coordenadora-geral de Comunicação da Secom do STF, Joyce Russi, afirmou que o tribunal tem acompanhado as inovações tecnológicas e tenta, dessa forma, se aproximar ainda mais do cidadão e dos internautas. "Foi muito importante a parceria com o Google, que só dispensa canais oficiais para entidades de grande representação e países, como a Casa Branca e o Vaticano", disse.

Joyce Russi vê no canal do Youtube mais uma ferramenta de divulgação das informações. O STF tem o site com notícias oficiais e sistema *push*, onde o internauta se cadastra para receber as manchetes das matérias em seu e-mail, além de acompanhamento processual.

No Twitter, o STF também inovou, seguindo uma tendência da iniciativa privada. Nas sessões onde foi discutida a aplicação da Lei da Ficha Limpa nas eleições de 2010, um servidor postou mensagem no Twitter a cada voto, a cada participação de ministro, a cada intervalo. A velocidade da informação garantiu que os mais de 35 mil seguidores acompanhassem a sessão em tempo real. E os posts em nada deixaram a desejar em relação aos twitts dos demais jornalistas que cobriam a sessão on line.

Os comentários dos internautas, no entanto, não são respondidos. Por ser um órgão institucional e não uma pessoa física, a assessoria do tribunal prefere se manter isenta. Mas as críticas e sugestões são levadas em consideração. Quem lê e recebe todas elas é a servidora Letícia de Carvalho Capobianco Ribeiro. Ela alimenta os tweets e informa aos superiores sobre os comentários mais relevantes.

Só são respondidos os e-mails enviados por meio do Atendimento. Mas é eficiente a proximidade com o cidadão. No caso do julgamento do Ficha Limpa, centenas de mensagens foram recebidas pela Ouvidoria e respondidas logo em seguida. Milhares de internautas participaram de uma corrente virtual pedindo que a Lei seja aplicada já nestas eleições.



Redes sociais nos tribunais

A internet e as mídias sociais surgem como uma forma de contrapartida aos meios de comunicação tradicionais. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada em 2009 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou que o número de usuários da rede no Brasil está crescendo. Mas o acesso ainda é considerado tímido, se for comparado ao de outros países.

Dados da International Telecommunication Union (ITU) mostram que o número de assinaturas de internet no Brasil ainda é muito baixo. De acordo com a ITU, o Brasil tem 8,34 assinaturas de internet para cada grupo de 100 habitantes, enquanto os Estados Unidos possuem uma média de 26,04 assinaturas a cada 100 pessoas. Segundo a PNAD, o número de internautas no Brasil cresceu 21,5% entre 2008 e 2009, mas muitas vezes o acesso à rede acontece no local de trabalho, escolas, universidades e lan houses.

Órgão de administração do Judiciário, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) também tem canal no YouTube e Twitter. O chefe de comunicação institucional do órgão, Tarso Rocha, explica que utilizar redes sociais para se aproximar da população é uma tendência de todo o Judiciário. "Já temos a preocupação em divulgar as informações entre os magistrados e os servidores. Queremos expandir essas redes sociais em todos os tribunais", afirmou.

Entre os dias 2 e 4 de junho deste ano, o Judiciário elaborou a Carta de Porto Velho, instituída no Fórum Nacional de Comunicação, que tem algumas orientações sobre o uso das novas mídias. A ideia é "avançar na criação de conteúdos para as redes sociais e ambientes corporativos por entenderem que essas ferramentas constituem hoje uma realidade desafiadora para a Justiça brasileira no

momento em que se apresentam como suporte para divulgação e aproximação da instituição com a sociedade, permitindo, além da exploração das potencialidades da WEB, a interação entre os públicos pelas especificidades", diz um trecho do documento.

A assinatura da Carta é um reconhecimento dos magistrados e servidores de que avançar em redes digitais é uma importante ferramenta para disponibilizar eletronicamente conteúdos jornalísticos, como TV e rádio web. Uma das metas é ampliar a rede de divulgação das notícias do Judiciário, avançando nos meios alternativos, como as redes sociais.

Tarso Rocha cita que o CNJ tem, desde fevereiro deste ano, mais de nove mil seguidores. "E o perfil está em plena expansão", analisa. O servidor avalia que o maior desafio, no entanto, é vencer a resistência de alguns tribunais pelo país, que não permitem a utilização de redes sociais nos computadores internos. A ferramenta de internet mais comum usada pelo CNJ são os e-mails para todos os magistrados, com notícias do Conselho.

No STJ estão em estudo novos projetos de web. No início deste ano foi criado o Twitter oficial. O resultado foi melhor do que o esperado, segundo conta Roberto Thomaz, analista de Comunicação do tribunal e responsável pela área. "Nos primeiros seis meses, mais de quinze mil usuários tinham se cadastrado para

Letícia, do STF: 35 mil seguidores acompanharam em tempo real a primeira sessão que discutiu a Ficha Limpa



CARLOS ALVES

PLUGADOS

O número de internautas no país cresceu

21,5%

entre 2008 e 2009. Existem

8,34

assinaturas de internet para cada grupo de

100

habitantes no Brasil.

receber os posts regularmente”, observou. O Twitter do STJ é programado para o envio de novas mensagens sempre que uma notícia é postada na página oficial do tribunal.

A interação dos internautas é imediata. Em menos de uma hora depois que uma nota é postada no Twitter, há pelo menos cinco posicionamentos

sobre aquela notícia, em média, dependendo do tema. Quando são assuntos polêmicos, o tweet é repassado para outros internautas pelos seguidores do perfil do STJ.

O STJ ainda não tem um canal no Youtube, mas já planeja isso. Está em fase de elaboração um plano que prevê mais essa ferramenta, além da im-

plementação de uma rede social interna, funcionando exatamente como o Orkut. No entanto, ela será destinada apenas aos servidores.

“Uma rede social interna descentraliza a comunicação, possibilitando que as unidades do órgão possam se comunicar sem depender da Secretaria de Comunicação”, afirmou Rober-



to Tomaz. Segundo ele, as redes sociais democratizam a divulgação das informações, criam um ambiente mais colaborativo e mais democrático.

Assim como o STF, o STJ também não responde as mensagens dos internautas postadas no Twitter. Mas cada uma delas é lida. Se há críticas construtivas e sugestões, são encami-

nhadas para as áreas responsáveis.

Na avaliação de Roberto Tomaz, as redes sociais viraram febre no Brasil porque são ferramentas gratuitas e que caíram no gosto do brasileiro. "São ferramentas que garantem um feed-back (retorno) imediato. E há a possibilidade, no caso do Twitter, de replicar os posts para um número incalculável de pessoas", comentou.

MPF NO YOUTUBE – Usar as novas ferramentas garante a multiplicação da informação em um alcance inimaginável. Por isso as redes sociais precisam ser usadas com cautela, depois de um estudo e avaliação sobre o uso eficaz. Essa é a avaliação da assessoria de Comunicação da Procuradoria-Geral da

República (PGR), que ainda não tem Twitter e nem canal no Youtube. Os servidores reconhecem a importância das novas mídias e já preparam uma política interna de uso das redes sociais. Algumas procuradorias regionais já possuem perfil no Twitter, mas o Ministério Público ainda não tem uma padronização no uso das redes.

O Ministério Público Federal possui um canal no Youtube. Quem alimenta os vídeos são os servidores da PGR que produzem o programa *Interesse Público*, veiculado na TV Justiça, e algumas campanhas institucionais, como o *Voto Consciente*. Mas a intenção do Ministério Público é unificar a imagem institucional e ter uma linguagem visual única.

Tarso Rocha,
do CTJ: maior
desafio é vencer
a resistência
de alguns tribu-
nais pelo país



Obama em foto
no Facebook: ligado
às redes sociais

CHUCK KENNEDY/WHITE HOUSE

Campanha on line pioneira

As redes sociais começaram a ser ainda mais difundidas depois da utilização das novas tecnologias na vitória do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, eleito em 2008. A campanha também influenciou os candidatos brasileiros a adotar o uso da internet como ferramenta para expor seus programas políticos e montar estratégias de campanha virtual.

Obama utilizou sites e blogs, além de outras redes sociais, para promover

debates, divulgar suas ideias e influenciar a produção de conteúdos espontâneos por parte de seus simpatizantes. Com isso, tornou-se referência no uso da internet para mobilização de eleitores. Não é possível afirmar que Obama foi eleito por causa de sua campanha on line. Mas especialistas afirmam que é inegável que o uso da internet e das mídias sociais teve um papel importante em sua escolha como candidato e na eleição.

CARLOS ALVES

*A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como
sou – eu não aceito.
Não aguento ser apenas um
sujeito que abre
portas, que puxa válvulas,
que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora,
que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem
usando borboletas.*

Manoel de Barros

Do alto dos seus 91 anos, o poeta Manoel de Barros ensina que o ser humano é incompleto, e que isso não é defeito; é qualidade. Assim como ele, muitas outras pessoas precisam ser Outras. E são. Esta coluna publicará mensalmente histórias de gente que concilia o serviço público com as mais diversas atividades. São atletas, chefes de cozinha, professores, pintores, mágicos, mecânicos, músicos... A lista não tem fim.

Sonho de infância

Thais Assunção

Alegre e pronta para enfrentar os problemas da vida. Assim pode ser definida a personalidade da analista judiciária do STJ, Valéria de Fátima Santana Mello. Ela lembra que ensaiou os primeiros passos de balé com apenas cinco anos, nas aulas da academia de dança onde a mãe a matriculou. Mas depois de algum tempo o pai parou de pagar a academia e ela teve que deixar o balé. “Desde pequena eu gosto de dançar e sempre quis voltar às aulas”, conta.

O desejo não diminuiu apesar dos anos que se passaram. Vieram três filhos, um casamento, um divórcio, a aprovação no concurso para o STJ, mas a dança continuava presente na mente de Valéria. No final de 2008, ao começar uma lista com as metas para o ano seguinte, ela pensou: “Dessa vez a dança vai entrar na minha lista.” E no início de 2009 ela foi surpreendida com um e-mail do STJ que dizia: “Aulas de dança de salão para os servidores. Inscrições abertas.”

“Não pensei duas vezes, fui logo fazer minha matrícula”, conta ela. Isso foi há um ano e meio, e Valéria está animadíssima com as aulas, que acontecem no próprio tribunal. Sempre pontual, chega às 19h e só sai às 20h, quando o professor finaliza o aprendizado do dia: “Faço isso duas vezes por semana, na terça e na quinta-feira, e me sinto muito bem.”

Valéria diz que a dança não mudou a sua vida, mas acrescentou bem-estar: “quando chego em casa eu me

sinto mais relaxada e durmo melhor”, avalia. Sempre bem-humorada, ela ri ao descrever a opinião dos filhos sobre a mãe pé-de-valsa: “Quando vou a festas eu danço muito, não me preocupo com a opinião dos outros. Mas meus filhos falam ‘oh, que é isso, minha mãe dançando!’ Mas eu não ligo, danço mesmo”, afirma.

Segundo Valéria, o professor de dança contratado pelo STJ, Irineu Alves, é excelente – o coordenador do Programa de Qualidade de Vida do tribunal esperou quase um ano por uma brecha no horário do professor. Mas ela confessa às vezes ficar desanimada com a falta de interesse dos colegas. “Eu tento chamar o pessoal para dançar, mas todos têm compromisso... Acho que temos que prestigiar as aulas de dança para valorizarmos o nosso Programa de Qualidade de Vida”, ressalta.

Valéria diz não ter o que reclamar da vida: “Tenho casa, tenho trabalho, meus filhos estão bem e eu me sinto ótima. Acredito que os problemas surgem para nós resolvermos”, diz. Seus planos para o futuro são continuar bailando. “Pretendo me envolver mais com a dança, continuar as aulas e me matricular em uma academia para me dedicar mais. Aqui temos pouco tempo, uma hora apenas, e eu quero mais tempo para dançar. Mas isso é um plano para o ano que vem”, afirma a servidora. Ela avalia que uma hora de aula pode até ser pouco, mas, por outro lado, é uma hora inteira do dia que dedicada a si mesma e a fazer o que ela mais ama. “A dança é minha válvula de escape”, conclui.



Valéria não
desistiu de
dançar:
"Sempre
quis voltar
às aulas"

JOSÉ ROCHA



Yuri Matsumoto Macedo

formou-se em Medicina pela Universidade Federal do Pará, pós-graduou-se em Medicina do Trabalho pela Universidade Estadual do Pará e fez residência em Psiquiatria no Hospital de Base do DF. Publicou o livro *Louco é quem me diz* (2005), com casos verídicos de pacientes psiquiátricos. Também é membro da ABP e APBr.



André Luis Macedo, especialista em Psiquiatria, formou-se em Medicina pela UnB e fez residência em Psiquiatria no Hospital de Base do DF. É psiquiatra do TJDF, membro da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e da Associação Psiquiátrica de Brasília (APB).

Neste espaço, os psiquiatras Yuri Matsumoto Macedo e André Luis Macedo publicam mensalmente artigos sobre saúde mental. Para saber mais, acesse www.animaconsultorio.site.med.br

Entre dois polos

Cazuza, Elis Regina, Kurt Cobain, Van Gogh, Virginia Woolf, Ulisses Guimarães, Fernando Pessoa, Agatha Christie e inúmeras outras celebridades têm em comum não somente fama e criatividade. É possível que todos eles tenham sido passageiros de um cometa que corre entre a alegria e a tristeza, trazendo instabilidade e um rastro de devastação em suas vidas. Todos eles já foram citados como portadores de uma condição psiquiátrica séria chamada Transtorno Bipolar do Humor (TBH).

Mas o TBH não é um mal exclusivo de famosos. A alternância cíclica e extrema de humor entre a euforia e a depressão é a principal característica desse transtorno, que afeta até 8 a cada 100 indivíduos. Essa alternância é muito mais intensa do que as variações de humor cotidianas e podem persistir até mesmo por meses. Entre as crises pode haver um período sem sintomas, chamado eutímia.

O TBH inicia-se geralmente entre a adolescência e a vida adulta, mas pode acometer também crianças e idosos. Sabe-se que a predisposição para a doença é herdada. Porém fatores ambientais, sociais, físicos e psicológicos podem interferir.

Existem vários graus de TBH, vários tipos e fases. Até mesmo em um único paciente os sintomas podem variar entre as crises ou numa mesma crise. A principal dificuldade diagnós-

tica é diferenciar as depressões comuns, também chamadas unipolares, das depressões bipolares. E por conta disso, o portador de TBH leva em média dez anos para receber o diagnóstico correto, por não se perceber doente ou por peregrinar entre profissionais de saúde não preparados.

Como todo transtorno mental, o TBH só é assim considerado porque traz grande impacto negativo para a vida do portador e de sua família, o que não é compensado mesmo que haja grande criatividade e inteligência. A instabilidade de humor leva a prejuízos escolares, trabalhistas, na reputação, nos relacionamentos afetivos, endividamento, uso abusivo de drogas, comportamento violento e suicídio.

Até este momento sabemos que o TBH não tem cura. É uma enfermidade para a vida toda e é recorrente, ou seja, repetitiva, cíclica. Por isso, quanto antes for diagnosticada e controlada menores serão as perdas ao longo da vida do portador. O tratamento visa controlar os sintomas durante crises e prevenir novos episódios. Medicamentos estabilizadores de humor são a primeira escolha, porém podem ser necessários outros mais. Psicoterapia é importante para suporte e uma boa evolução em longo prazo. Apoio familiar e compreensão da doença são também fundamentais para que o paciente consiga alcançar uma vida normal.

SINTOMAS DE EUFORIA

- Energia e atividade aumentadas, inquietação
- Humor excessivamente "alegre", eufórico
- Irritabilidade extrema
- Pensamento acelerado e falar muito e rapidamente, pulando de uma ideia para outra
- Distração, falta de concentração
- Pouca necessidade de sono
- Crença supervalorizada nas próprias capacidades e poderes
- Juízo crítico deficiente
- Gastos excessivos
- Aumento do impulso sexual
- Abuso de drogas como cocaína, álcool e medicações para dormir
- Comportamento provocador, invasivo ou agressivo

SINTOMAS DE DEPRESSÃO

- Humor persistentemente triste ou ansioso
- Sentimentos de desespero, pessimismo, "vazio"
- Sentimentos de culpa, desvalia, impotência
- Perda do interesse ou prazer em atividades que antes eram apreciadas
- Energia diminuída, fadiga, lentidão
- Dificuldade de se concentrar, recordar, tomar decisões
- Insônia, despertar precoce ou dormir demais
- Perda de apetite e/ou peso, ou comer demais e/ou ganhar peso
- Pensamentos de morte ou suicídio
- Inquietação, irritabilidade
- Sintomas físicos persistentes (dores, mal estar)

Andando em círculos

Imagine sua vida regida por um tornado mental ensandecedor... Você nunca sabe quando pode acreditar em suas próprias iniciativas, justamente pelo fato de você não saber se elas são frutos de volição própria consciente ou se elas são mais um blefe autossabotador que faz com que você comece, modifique e recomece o caminho várias vezes seguidas.

Agora pense você imerso nisso durante intermináveis sete anos, olhando para a construção da sua vida ser demolida por diversas vezes, por suas próprias atitudes, numa tentativa desesperada de achar o caminho apropriado para si mesmo. É como andar em círculos: você volta constantemente para o mesmo caminho. E sua mente funcionando em ritmo frenético, tentando se organizar diante do caos mental e da desolação arrebatadora que vem de tantas tentativas sem sucesso.

Esse foi o meu sentimento até conseguir a estabilidade com o tratamento correto. Mudei diversas vezes de faculdade, cursei várias graduações sem conseguir terminar nenhuma e me desgastei muito com tantos recomeços. Chegou um momento em que me deparei com a constatação mais penosa para um bipolar: a necessidade de rotina. Corremos atrás de algo que a maioria das pessoas têm e no entanto não dão valor.

A psicoterapia, juntamente com os remédios, me ajuda muito no autorreconhecimento do transtorno e na desconstrução de preconceitos, como o de que o portador de TB não é tão capaz como as outras pessoas. Também aprendi a não me enganar escondendo minhas dificuldades atrás do transtorno. Hoje, depois de ter me dado o tempo necessário para a recuperação e reorganização de minha vida, prestei vestibular novamente para a UnB e retornei ao curso de Letras, para retomar a minha formação profissional e recomeçar novamente, só que agora muito mais consciente e preparada.

Mônica, universitária e cantora

Prejuízos múltiplos

Demorei a receber o diagnóstico. Comecei tomando um monte de antidepressivos, passei por muitos médicos diferentes, uns cinco, antes de acertar. Sofri muito com a depressão, mas acho que os maiores prejuízos vieram da fase maníaca, que afetaram minha imagem em sociedade.

Perdi meu contrato principal por causa da depressão. Tive que fechar o escritório. Isso ocorreu em 2002, e só me tratei em 2005. Tive envolvimento múltiplos em relacionamentos superficiais, mesmo depois de casada. As dívidas bancárias eu só consegui saldar depois de medicada e controlada. Elas foram o resultado de crises de consumo que me levavam a comprar e comprar, mesmo coisas repetidas. Cheguei a ter cinco batons caríssimos iguais...

O bipolar normalmente não acha que tenha algo errado consigo mesmo até que vem a depressão. Só depois que a gente descobre e aceita o transtorno em si é que a vida segue e flui normalmente. Mas o medo de uma recaída me segue sempre, seja em qual for dos polos. Se você está diagnosticado como bipolar, trate-se, tome os medicamentos religiosamente e ouça tudo o que seu médico tem a dizer. Acho que aí é que reside o segredo das coisas.

Lyah, advogada, bancária e pianista



SONY PICTURES / DIVULGAÇÃO

Cássia como a juíza de *Meu nome não é Johnny*: "Passei a maior parte da vida lutando, querendo morrer"

"Enfim eu me sinto livre"

A atriz Cássia Kiss cumpriu recentemente um importante papel na vida real: reduzir o preconceito contra o TBH e conscientizar as pessoas sobre a doença, ao falar abertamente sobre seu transtorno em revistas e TVs. Veja alguns trechos de uma entrevista à jornalista Ana Maria Braga, no programa Mais Você, da TV Globo.

"Eu consegui falar sobre isso na medida em que consegui a ajuda que precisava. Durante muito tempo busquei ajuda, mas com pessoas erradas. Estou me sentindo livre há muito pouco tempo. Hoje eu dependo de dois medicamentos, um regulador de humor e um antidepressivo. Preciso deles diariamente. Mas enfim eu me sinto livre.

Passei a maior parte da minha vida lutando, querendo morrer. Essa é a verdade. Não tem uma coisa mais triste do que essa, você acordar diariamente e a vida ter um enorme peso, então eu queria acabar com aquilo. Tinha dias em que eu acordava muito feliz, mas era um entusiasmo fora de controle, que fazia com que eu sásse me desculpando com as pessoas com quem tinha brigado, saía comprando presentes... No outro dia, ou às vezes no mesmo dia, acontecia de eu me sentir profundamente deprimida, de ter que ficar dizendo para mim mesma: levanta da cama..."

LIVROS SOBRE TBH

Uma mente inquieta
(Kay Jamison)
Não sou uma só:
o diário de uma bipolar
(Marina W)
Temperamento forte
e bipolaridade
(Diogo Lara)

FILMES

Mister Jones
Sede de viver
As loucuras do rei George
Politicamente incorreto

SITES

www.fenix.org.br
www.abrata.com.br
www.bipolaridade.com.br

A arte de amar e retribuir

Agradecida pelo acolhimento que recebeu anos atrás, ex-moradora de Olhos D'Água monta centro de cultura e cidadania para crianças e adolescentes

Fabiola Góis

Olhos D'Água, um distrito de Alexânia (GO), distante cem quilômetros de Brasília, abriga histórias que mudaram vidas. O pequeno povoado de três mil habitantes é cheio de encantamentos, mistérios e devoção que chamam a atenção mesmo de quem está acostumado a visitar os grotões do país. Foi lá que a acreana Áurea Lúcia Maia Queiroz, servidora do Senado Federal, começou sua vida como voluntária há trinta anos. O altruísmo dessa mulher, que teve sete filhos e vive para ajudar as pessoas, modificou a realidade de um povo acostumado a ser esquecido pelos governos.

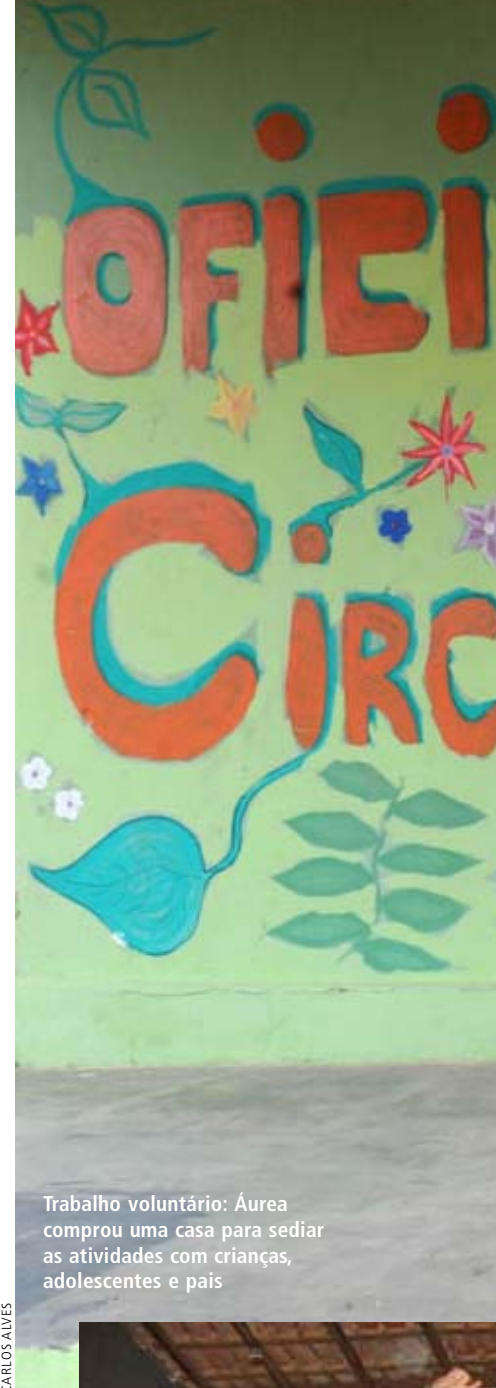
Áurea e suas parceiras desenvolveram um projeto de atendimento às crianças e aos adolescentes por meio do teatro, que já começa a surtir efeito na comunidade. Também passam horas realizando atividades recreativas e educacionais com meninos e meninas, como uma maneira de reforçar o aprendizado. E ainda fazem reuniões com pais e moradores sobre conceitos

fundamentais, como cidadania, direitos humanos e formação política.

Para conseguir realizar esse feito sem nenhuma ajuda financeira do governo, Áurea não mede esforços. Sua última decisão foi comprar uma casa em Olhos D'Água para garantir um espaço digno para o atendimento das crianças e adolescentes.

Mas para chegar à compra da casa é necessário voltar no tempo. Muito jovem, em 1982, Áurea foi convidada por um amigo para conhecer um lugarejo onde havia vários artistas conhecidos, banhos de cachoeira e lazer. Eram momentos de descontração e de brincadeira. Aos poucos, o povoado a encantou.

No ano seguinte, começou a namorar o músico Renato Matos, cantor e compositor brasileiro, que também passava finais de semana na região. Áurea ficou grávida. Os dois decidiram se casar, mas não tinham condições. Resolveram comprar uma casa em Olhos D'Água para esperar a criança nascer, graças à venda de um fusca velho e um pequeno comércio que ela



Trabalho voluntário: Áurea comprou uma casa para sediar as atividades com crianças, adolescentes e pais

CARLOS ALVES



ARQUIVO PESSOAL



tinha. Nenhum dos dois tinha emprego. Áurea começou a frequentar a tradicional Feira do Troca de Olhos D'Água e passou a revender os artesanatos em Brasília. Ele decidiu pintar. E conseguir vender os quadros.

Viveram assim, com muita dificuldade, por um ano, até que Áurea ingressou no Senado. Decidiram voltar a morar em Brasília. Mas a casa de Olhos D'Água continuava lá, construída num terreno de 2.500 m² e reformada graças ao criativo Renato Matos, que usou técnicas rudimentares e simples de decoração. A casa com

telhado de barro, típica da região, transformou-se em um lugar de encontro de artistas. Eram saraus e festas para celebrar a nova fase de suas vidas – sempre com a convivência dos nativos da cidadezinha. E foi assim que tudo começou.

Áurea, mesmo depois de empregada no Senado, não deixava de vender os artesanatos daquelas mulheres simples que já contavam com o dinheiro todo mês. Fazia isso por elas. Naquela época, a condução era rara. Não havia ônibus. Para sair de Olhos D'Água e chegar a Alexândia, distante apenas

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Brincando com a câmera: opções de lazer se multiplicaram



quatro quilômetros, pegava carona com o caminhão da cooperativa de leite. De lá, pegava ônibus para Brasília.

Dez anos depois veio a separação. O casal decidiu vender a casa. Mesmo assim Áurea continuou a frequentar Olhos D'Água. Ficava na casa dos amigos que fez por lá. Tão logo juntou dinheiro, decidiu comprar uma casa no distrito. E o sentimento de gratidão tomou conta: ela decidiu retribuir toda a felicidade e prosperidade que tinha na vida, depois de ter conhecido aquele povoado. "Fiquei muito agradecida pela forma com que a comunidade de Olhos D'Água nos recebeu. Foi o lugar onde primeiro comprei uma casa e tive qualidade de vida. Mesmo sem emprego, eu e Renato conseguimos viver por um ano. E fomos muito felizes", afirma.

Antes de casar com Renato, com quem teve dois filhos, Áurea já tinha outros dois do primeiro casamento. Com o passar dos anos ela começou a perceber que os meninos da mesma geração que os filhos dela, criados em Olhos D'Água, não tiveram os mesmos estímulos e oportunidades. E resolveu

retribuir a hospitalidade do lugarejo realizando atividades que pudessem mudar a realidade deles.

"Muitos cresceram frustrados, culturalmente superados, e ficam com a ilusão de que a cidade grande é que é o progresso", comenta Áurea. Por isso ela resolveu juntar todos os livros, CDs e DVDs que tinha em casa para montar um centro cultural e incentivar a leitura entre as crianças e jovens. Transformou a casa em um espaço aberto à comunidade, "livre para a convivência criativa", como ela mesma gosta de falar. Qualquer um pode pegar os objetos emprestados ou usufruir deles na própria casa.

Com os filhos já crescidos (todos eles são artistas), fizeram um sarau com direito a apresentação de teatro, música e poesia. Naquele dia, uma jovem de 23 anos, amiga de um dos filhos, resolveu ajudar. Ela morou na Inglaterra, aprendeu francês e fazia teatro em Brasília. Formou-se pela Escola de Música. E também se encantou por Olhos D'Água. Voltou para Brasília, mas, quinze dias depois, resolveu largar tudo para morar no lugarejo.

Parceiras no voluntariado

Atriz e musicista, Daniela Neri encontrou a vida e o trabalho que queria. Restaurou a casa e ajudou Áurea a criar o Instituto Pactos, ONG que atende crianças e jovens. E viu que a grande lacuna na formação daqueles meninos e meninas era a alfabetização. Desenvolveu atividades de teatro e música para as crianças, numa tentativa de que aprendessem a ler para memorizar as peças. E começou a fazer brincadeiras para que entendessem a dinâmica da leitura sem que eles percebessem que estavam aprendendo a ler.

Depois de quatro anos morando em Olhos D'Água, Dani Neri, como é conhecida, casou, teve um filho e está grávida de outro. E começou a perceber uma outra carência da cidade. Os jovens, que não têm opções de lazer no distrito, começam cedo a frequentar bares e usar bebidas alcoólicas. Dani resolveu chamá-los para as atividades. Hoje tem uma turma de alunos, onde se reveza com Abaeté, um dos



Daniela e as crianças: "Eu me sinto mais útil aqui"

filhos de Áurea e diretor de teatro em Brasília. O resultado foi que os jovens trocaram as tardes de sábado e domingo regadas a bebida pelos ensaios na Oficina de Teatro Circo Íntimo. É lá onde eles aprendem lições de expressão corporal, iluminação, texto e, sobretudo, de vida.

Ao todo, são quinze adolescentes, três deles moradores de Brasília que vão com os pais passar finais de semana no distrito. "Me vi mais útil em Olhos D'Água com o meu trabalho do que na capital do país. Aqui é o meu projeto de vida, não é só trabalhar, como era em Brasília", conta Dani Neri, que antes era professora em escolas particulares.

A ideia é montar um espetáculo com o grupo para estrear no povoado, em dezembro deste ano, durante a Feira do Troca. A ONG foi procurada por representantes do governo alemão, que tem um programa de cooperação internacional para que jovens alemães trabalhem como voluntários para combater a pobreza.

"Fechamos um convênio, o que vai possibilitar que um casal de jovens ale-

mães passe um ano em Olhos D'Água para nos ajudar com as atividades junto a crianças e adolescentes", afirmou Áurea. Eles "descobriram" a ONG quando viram Dani brincando na praça do distrito com as crianças, em uma das atividades programadas.

Como o trabalho social cresceu, era necessária uma nova casa, uma vez que Áurea voltará a morar no povoado tão logo se aposente do Senado, em dezembro deste ano. "A pessoa que comprou minha primeira casa (onde morou com o marido) me ligou para dizer que a venderia. Não pensei duas vezes. Decidi comprar para transformá-la no Espaço Cultural H2Olhos", disse.

As duas receberam reforço de outra voluntária que se encantou pelo povoado. A historiadora Cristina Ribeiro, que faz doutorado e estuda o movimento indígena e sua relação com o Estado, conheceu Olhos D'Água há dois anos e decidiu escrever sua tese por lá. Ela é paraense, mas morava em Salvador (BA) antes de decidir se mudar para o distrito. Todas as quintas-feiras, em conjunto com Áurea e Dani, ela participa de reuniões com a comu-

nidade para trabalhar a formação política dos moradores. "A luta pontual é pelo transporte público e outras carências. Criou-se uma mobilização entre eles. E nós criamos um processo para 'empoderar' esses homens e mulheres da região", afirmou Cristina.

Essas três mulheres trocaram a vida nas cidades grandes para viver de maneira simples, voltadas para o trabalho social e o voluntariado. "A Dani fez as primeiras experiências metodológicas até que decidíssemos em que iríamos trabalhar. Olhos D'Água sempre foi o meu projeto de vida. E agora, quando me aposentar, não vou mais ter o Senado me chamando todas as segundas-feiras", brincou Áurea.



Teatro: lições de arte e de vida

Quer ajudar? Comece agora!

Doe sangue, salve vidas

Onde doar:

- Hospital de Base: SMHS, quadra 101, fone 3325-4050.

- Fundação Hospitalar do DF: SMHN, quadra 3, cj. A, bl. 3, próximo ao HRAN. Seg. a sex., de 7h a 18h; sáb. de 7h a 12h. Contatos: fones 160 e 3327-4424/4410. Mais informações no site www.fhb.df.gov.br

- Fundação Hemocentro: SMHN quadra 3, cj. A. Contatos: 3327-4462/64 e pr@fhb.df.gov.br

Potes de vidro para leite materno

Seus potes de vidro usados podem ajudar a salvar vidas de muitos bebês (e seu leite também). Campanha do Berçário do Hospital Santa Helena. Atenção: apenas vidros com tampa de plástico. Acima de 30 unidades eles buscam em casa. Contatos: 3215-0029.

Remédios

O HRAN recebe doação de remédios. Contato: Dra. Neide, 3325-4249, neide@linkexpress.com.br

Roupas, alimentos e brinquedos

A Aldeias SOS recebe roupas, alimentos, brinquedos para crianças. Mais informações no site www.aldeiasinfantis.org.br

Livros infantis e outros

O projeto Casa do Saber já implantou 73 bibliotecas no DF e beneficia cerca de 160 mil pessoas, tudo com doações de livros. Doe nos postos da rede Gasol ou agende o recolhimento pelo telefone 0800-614553.

Livros de qualquer tipo

A ONG T-Bone fez bibliotecas em 36 pontos de ônibus da W3 norte. Doações no Açogue Cultural T-Bone, das 8h às 19h. CLN 312, bl. B, lj. 27, fone 3274-1665.

Livros, CDs e RPG

O Espaço Cultural COPE compra, vende e troca livros (novos e usados), CDs e jogos RPG. Eles doam livros didáticos usados para escolas públicas de ensino fundamental. Contatos: 3274-1017 (CLN 409, bl. D, lj. 19/43) e 3201-1017 (Feira dos Importados, cj. B, lj. 418/420).

Livros com temas ambientais

A Associação Amigos do Futuro recebe livros, vídeos, revistas e monografias sobre temas ambientais. Contatos: 3346-0422.

Kimonos usados

O professor Tranquillini dá aulas de judô para crianças e adolescentes carentes de 7 a 17 anos e precisa de kimonos usados. Contatos: 3224-7728 e tranquillini@abordo.com.br

Computadores

O Centro de Democratização da Informática (CDI) é uma ONG que trabalha com a população carente do DF e entorno. Conta com doação de equipamentos para continuar o trabalho. Contatos: (61) 3322-7233; Marco Ianniruberto (diretoria@cdi-df.org.br) e Aldiza (aldiza@esquel.org.br).

Bicicletas usadas ou com defeito

A ONG Rodas da Paz recebe doação de bicicletas novas, usadas ou com defeito. Eles reformam e doam a crianças carentes. As que não têm conserto servem para fazer triciclos para deficientes. Contatos: Maurício (8408-8498) e Andréia (9986-2911 e 3447-4551). E-mails: thebruce@terra.com.br e www.osteixeiras.com.br

Eletrodomésticos

A cooperativa de recicladores de lixo 100 Dimensão recebe eletrodomésticos usados ou com pequenos defeitos, restaura e repassa a quem precisa. Fica na QN 16 cj. 5, lt. 2, entrada do Riacho Fundo II. Contatos: Sônia (8442-3275) e Ângela (angel01@hotmail.com).

Óculos velhos ou quebrados

A Voriqes Óptica recebe óculos com defeitos ou quebrados, conserta e doa para idosos e crianças carentes. Contatos: Marina e Wallace, 3346-6100 e 3346-9692. Lojas: Centro Médico de Brasília (SHLS 716, bl. F, lj. 16/43) Pátio Brasil (térreo, lj. 104W, fones 3225-8586 e 3223-3496) e Gilberto Salomão (Lago Sul, fones 3248-6952 e 3364-3616). E-mails: marketing@voriqes.com.br e assessoria@voriqes.com.br

Adoção de animais

A Associação Protetora dos Animais do DF (ProAnima) promove a adoção de animais abandonados e recebe doação de remédios e alimentos. Contatos: 3032-3583 e proanima@proanima.org.br. SCLN 116, bl. I, lj. 31, subsolo, Ed. Cedro.

Jovens voluntários

A ONG Sonhar Acordado leva jovens para passar o dia fazendo companhia a crianças carentes. Recebe doação de roupas, calçados, alimentos e materiais de construção. Contatos: Mateus, fones 9963-9639 e 3468-3769. E-mail: mateus@sonharacordado.com.br

SEJA VOLUNTÁRIO

Conheça a campanha EU DÔO TALENTO, mais uma ação solidária do SINDJUS

- Você também pode indicar entidades sociais que precisem de trabalho voluntário de qualquer tipo, ou ainda de doações. Nossa equipe entra em contato com a instituição e inclui na lista.
- Se você tem vontade de fazer um trabalho voluntário mas não sabe onde, escolha uma entidade na nossa lista. Tem muita gente precisando daquilo que você sabe fazer.
- Vale tudo: de plantar árvores a visitar doentes; de advogar a pintar paredes; de contar histórias a consertar computadores; de fazer contabilidade a liderar campanhas. Veja a lista no nosso site.



TODA A LINHA FORD, COM DESCONTO E FATURAMENTO DE FÁBRICA, PARA FILIADOS DA ASOF.



www.slavierobsb.com.br | 505 Sul – 2104-0044 | SIA, Trecho 1 – 2193-4444



Slaviero

por você cada vez +

Promoção válida até 31/10/2010. Cadastro sujeito a aprovação.

Imagens somente para fins ilustrativos. Reservamos-nos o direito de corrigir possíveis erros de digitação.

	Catálogo	Sólida	Metálica	Perol.	Desc.	Sólida	Metálica	Perol.
NEW FIESTA SEDAN 1.6L FLEX - 2010/2011								
Ar. cond., Dir. Elétrica (EPAS), Vidros e Travas elétricas, Roda de liga leve 15", CD Player MP3, Comp. de Bordo, Espelho retrovisor elétrico e alarme.	BCA1	49.900,00	50.877,00	51.111,00	1,5%	49.151,50	50.113,85	50.344,34
Catálogo BCA1 + Freio ABS	BCB1	51.150,00	52.127,00	52.361,00	1,5%	50.382,75	51.345,10	51.575,59
Catálogo BCB1 + 7 Airbags e Bancos de Couro	BCC1	54.900,00	55.877,00	56.111,00	1,5%	54.076,50	55.038,85	55.269,34
NOVO FOCUS 5P HATCH 1.6L 16V FLEX - 2010/2011								
Ar. cond., Dir. hidráulica, Air bag duplo, trio elétrico, Alarme anti-furto, CD Player c/ MP3, Comp. De bordo, ajuste manual altura do banco motorista, Rodas de liga leve 16", aerofólio traseiro - GL	OAB1	53.430,00	54.395,00	54.682,00	8,0%	49.155,60	50.043,40	50.307,44
Cát.: OAB1 + Vidros elét. diant. e tras. Com sensor anti-esmagamento, maçanetas e régua do porta malas na cor do veículo, Volante em couro com insertos cromados, 6 alto falantes - GLX	OBA1	54.950,00	55.915,00	56.202,00	8,0%	50.854,00	51.441,80	51.705,84
Catálogo: OBA1 + Freios ABS com CBC e EDB - GLX	OBB1	55.950,00	56.915,00	57.202,00	8,0%	51.474,00	52.361,80	52.625,84
NOVO FOCUS 5P SEDAN 1.6 16V FLEX - 2010/2011								
Ar. cond., Direção hidráulica, Air bag duplo, trio elétrico, Alarme anti-furto, CD Player/ MP3, Comp. De bordo, ajuste manual altura do banco motorista, Rodas de liga leve 16" - GL	PAB1	55.430,00	56.395,00	56.682,00	9,0%	50.441,30	51.319,45	51.580,62
Catálogo: PAB1 + Vidros elét. diant. e tras. Com sensor anti-esmagamento, maçanetas e régua do porta malas na cor do veículo, Volante em couro com insertos cromados, 6 alto falantes - GLX	PBA1	56.950,00	57.915,00	58.202,00	9,0%	51.824,50	52.702,65	52.963,82
Cát.: PBA1 + Freios ABS com CBC e EDB - GLX	PBB1	57.950,00	58.901,00	59.202,00	9,0%	52.734,50	53.599,91	53.873,82
NOVO FOCUS 5P HATCH 2.0 FLEX - 2010/2011								
Ar. cond., Dir. Eléto-hidráulica, Air bag duplo, ABS com EBD e CBC, Trio elétrico, CD player com MP3, Comp. de bordo, Rodas de liga leve 16", Ajuste altura banco motorista - GLX	ODA1	59.620,00	60.571,00	60.853,00	8,0%	54.850,40	55.725,32	55.984,76
Catálogo ODA1 + Transmissão automática sequencial de 4 velocidades - GLX	ODC1	64.380,00	65.331,00	65.613,00	8,0%	59.229,60	60.104,52	60.363,96
Catálogo ODC1 + Ar Cond. Digital Dual Zone, Ford Power (partida sem chave), Com. de voz, Banco em couro, Teto solar elét., Faróis de neblina, Sensor Estac. Tras., Pilot autom. e ajuste alt. lombar banco motor - GHIA	OEA1	68.980,00	69.911,00	70.193,00	8,0%	63.443,20	64.318,12	64.577,56
Catálogo OEA1 + Transmissão automática sequencial de 4 velocidades - GHIA	OEB1	73.640,00	74.591,00	74.873,00	8,0%	67.748,80	68.623,72	68.883,16
NOVO FOCUS 5P SEDAN 2.0 FLEX - 2010/2011								
Ar. cond., Dir. Eléto-hidráulica, Air bag duplo, ABS com EBD e CBC, Trio elétrico, CD player com MP3, Comp. de bordo, Rodas de liga leve 16", Ajuste altura banco motorista, Alarme anti furto - GLX	PDA1	61.620,00	62.571,00	62.853,00	11,0%	54.841,80	55.688,19	55.939,17
Catálogo PDA1 + Transmissão automática sequencial de 4 velocidades - GLX	PDC1	66.380,00	67.331,00	67.613,00	11,0%	59.078,20	59.924,59	60.175,57
Catálogo PDA1 + Ar Cond. Digital Dual Zone, Ford Power (partida sem chave), Com. por voz, Banco em couro, Teto solar elét., Faróis de neblina, Sensor Estac. Tras., Pilot autom., ajuste alt. lombar banco motor - GHIA	PEA1	70.960,00	71.911,00	72.193,00	11,0%	63.154,40	64.000,79	64.251,77
Catálogo PEA1 + Transmissão automática sequencial de 4 velocidades - GHIA	PEB1	75.640,00	76.605,00	76.873,00	11,0%	67.319,60	68.178,45	68.416,97
FUSION 2.5L SEL - 2010/2010								
Ar Cond. Digital Dual Zone, Dir. Elétrica, 6 Air Bag's, ABS com EBD, Rodas de liga leve 17", Advance Trac, Sensor de estac. Tras., Comp. de bordo, Premium Sound Sony e Transm. Autom. sequencial de 6 velocidades.	UAA0	82.160,00	0,00	82.160,00	8,5%	75.176,40	0,00	75.176,40
Catálogo UAA0 + Teto Solar Elétrico	UAB0	86.160,00	0,00	86.160,00	8,5%	78.836,40	0,00	78.836,40
FUSION 3.0L V6 SEL - 2010/2010								
Ar Cond. Digital Dual Zone, Dir. Elétrica, 6 Air Bag's, ABS com EBD, Rodas de liga leve 17", Advance Trac, Comp. de bordo, sist. Ford Sync, Media System e Transm. Autom. sequencial de 6 veloc..	UBA0	101.400,00	0,00	101.400,00	8,0%	93.288,00	0,00	93.288,00
Catálogo UBA0 + Teto Solar Elétrico	UBB0	105.460,00	0,00	105.460,00	8,0%	97.023,20	0,00	97.023,20
EDGE 3.5L SEL AWD - 2010/2010								
Ar Cond. Digital Dual Zone, Dir. Elétrica, 6 Air Bag's, ABS, Rodas de liga leve 18", Advance Trac, Comp. de bordo, sist. Ford Sync, Media System e Transm. Autom. sequencial de 6 veloc. Bancos de couro	JEA0	130.950,00	0,00	130.950,00	1,5%	128.985,75	0,00	128.985,75
Catálogo JEA0 + Teto Solar Panorâmico	JEB0	139.850,00	0,00	139.850,00	1,5%	137.752,25	0,00	137.752,25
Ar Cond. Digital Dual Zone, Dir. Elétrica, 6 Air Bag's, ABS, Rodas de liga leve 20", Advance Trac, Comp. de bordo, sist. Ford Sync, Media System e Transm. Autom. sequencial de 6 veloc. Bancos de couro	JEC0	133.350,00	0,00	133.350,00	1,5%	131.349,75	0,00	131.349,75
Catálogo JEC0 + Teto Solar Panorâmico	JED0	142.300,00	0,00	142.300,00	1,5%	140.165,50	0,00	140.165,50

Quem faz a Justiça é você

Parabéns, servidores
do Judiciário e
Ministério Público

28 DE OUTUBRO
DIA DO SERVIDOR



Sindjus